

Dimensões socioculturais do movimento humano: fenômeno e campo de investigação

Resumo

Texto referente à prova escrita apresentada pelo autor no Concurso de Livre-Docência na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo em 1 de dezembro de 2022. Contextualizo inicialmente aquilo que entendo ser o domínio de estudo e de intervenção no campo da Educação Física. Na sequência, procuro balizar algumas dimensões socioculturais do movimento humano na condição de fenômeno e campo de investigação singular, tendo como pano de fundo a realidade brasileira, mais precisamente algumas linhas de desenvolvimento dessa subárea no país.

Palavras-chave: Educação Física; Estudos socioculturais do movimento humano; Ciência.

Sociocultural dimensions of human movement: phenomenon and field of investigation

Abstract

Text referring to the written test presented by the author in the Free Teaching Competition at the School of Physical Education and Sport of the University of São Paulo on December 1, 2022. I initially contextualize what I understand to be the domain of study and intervention in the field of Physical Education. In the sequence, I seek to outline some of the sociocultural dimensions of human movement as a singular phenomenon and field of investigation, with the Brazilian reality as a backdrop, more precisely some lines of development of this subarea in the country.

Keywords: Physical Education; Sociocultural studies of human movement; Science.

Introdução

O movimento humano é reconhecidamente um aspecto crítico da vida e está no centro dos interesses investigativos e de intervenção no âmbito da Educação Física (Tani et al., 1988). Embora outras áreas possam se interessar pelo estudo do movimento humano, na Educação Física e no Esporte essa preocupação assume uma condição paradigmática (Le Boulch, 1971). O homem em movimento ou capaz de se mover é uma realidade ineludível sobre a qual a Educação Física e o Esporte assentaram, desde cedo, na modernidade, suas bases investigativas (Cagigal, 1968).

Ademais, nos campos da Educação Física e do Esporte, a qualidade do *homo movens* se expressa de forma toda particular quando contrastada a outros domínios da atividade social que também demandam movimentos do corpo (Souza, 2021), em especial porque as manifestações do movimentar-se atinentes ao nosso ofício não visam apenas responder necessidades vitais imediatas, mas dotam a existência humana de sentidos duradouros que operam na individualidade e

coletividade rumo à transcendência e à emancipação simbólica. Desta feita tem-se uma demarcação evidenciada para defender o movimento humano não só como o objeto de estudo central da Educação Física, mas também como aspecto sensível que empresta ou, se preferirem, confere identidade profissional à nossa área.

De acordo com Tani et al. (1988), o movimento humano pode ser estudado desde os aspectos microscópicos aos macroscópicos, ou seja, desde uma perspectiva que pode privilegiar suas dimensões biológicas, comportamentais, socioculturais e pedagógicas (Tani, 1999) ou, se for o caso, uma tentativa de síntese das mesmas (Souza, 2021). Como bem pontuaram Gallahue e Ozmun (2003, p. 4), “o estudo do desenvolvimento deve ser analisado a partir da totalidade da espécie humana”, de modo a se ultrapassar abordagens estanques na investigação do processo de aquisição de competências motoras. Isso quer dizer que o estudo da atividade motora e esportiva, para além de suas reconhecidas e importantes especialidades científicas, pode almejar uma abordagem mais sintética, sendo este um desafio que nunca finda no propósito de concatenar cada vez mais uma teoria geral da Educação Física à uma teoria pedagógica que responda às necessidades de movência dos seres humanos nos mais diferentes contextos (Souza, 2021).

Na impossibilidade de levar a cabo uma digressão dessa natureza em tal ocasião – e mesmo em observância ao ponto elencado para a presente prova de Livre-Docência – vou me ater nesse texto ao exercício ou tentativa de balizar algumas dimensões socioculturais do movimento humano na condição de fenômeno e campo de investigação singular, tendo como pano de fundo a realidade brasileira, mais precisamente algumas linhas de desenvolvimento dessa subárea no campo. Para tal empreendimento, vou partir de um olhar reflexivo no sentido de Bourdieu (2001) e, sem pretensão de totalidade, localizar ou indicar alguns dos agentes e estruturas pelos quais essa subárea foi se constituindo no contexto da Educação Física no país.

Algumas linhas de desenvolvimento dos Estudos Socioculturais da Educação Física no Brasil

De acordo com Guedes (1999), a pesquisa sociocultural em Educação Física é de natureza fundamentalmente básica e busca ampliar o entendimento de questões históricas, antropológicas, filosóficas e sociológicas que orientam a participação e o engajamento de diferentes pessoas e grupos no contexto da atividade motora e esportiva. Ainda segundo a autora, o desenvolvimento desse campo investigativo teve um ímpeto em escala internacional nos anos 1960, sendo que no Brasil foi nos anos 1980 – quer dizer, duas décadas depois de Europa e Estados Unidos – que a conformação dessa subárea de pesquisa começou a ensejar seus primeiros passos no país no sentido

de preparar caminho para sua institucionalização. Essa institucionalização, por seu turno, deve ser aqui entendida pela somatória das dinâmicas que resultaram na emergência de entidades científicas, grupos de pesquisa, linhas investigativas da Pós-Graduação, periódicos, seções de revistas, enfim das mais diferentes ações sensíveis à discussão dos aspectos socioculturais do movimento humano, da Educação Física, do Esporte e do Lazer no Brasil.

É importante salientar o caráter não-planejado desse processo, uma vez que aqueles que estavam na frente da incipiente atividade sociocultural em Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil naquele contexto, não tinham como antevir os rumos desse subcampo e da área de maneira mais ampla. Cumpre também frisar que se tornou um lugar comum, ao menos no contexto da Educação Física brasileira, a afirmação de que os anos 1980 – em especial no Pós-Ditadura – é que viram alvorecer o desenvolvimento de uma genuína atividade sociocultural em nossa área, até então dominada, segundo os participantes dessa forma de pensar, pelo biologicismo, tecnicismo e pelo paradigma da aptidão física. Estudos como o do Melo (1997), Gebara (2003), Souza (2021), dentre outros, apontam, no entanto, que embora a Educação Física em seu percurso histórico tenha uma intimidade com as instituições médica e militar, o fato é que textos, reflexões, monografias e ensaios discorrendo sobre aspectos históricos, sociais e culturais da Educação Física e do Esporte se fizeram presentes em outros cenários e contextos.

Nessa senda, o que dizer do texto “*Da educação physica*” de Fernando de Azevedo de 1920, ou da vasta obra de Inezil Penna Marinho, ou ainda do “*Introdução à Sociologia dos Desportos*” de João Lyra Filho, datado de 1973? Que dizer de “*Os exercícios físicos na história e na arte*” de Jair Jordão Ramos, um texto simplesmente ignorado ou apagado na historiografia da Educação Física e do Esporte no Brasil? Não seriam esses textos, dentre outros que precisam ser examinados – talvez mesmo exumados –, indicativos da presença de uma tentativa de investigação sociocultural da Educação Física e Esporte anterior à configuração teórica que foi ganhando corpo na área a partir do final dos anos 1980? Em síntese, por que o contributo dessas obras não é considerado mais a rigor no exercício de se fazer uma sociogênese da pesquisa sociocultural em Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil?

De acordo com Bourdieu (2004), o campo científico é um lugar de lutas, inclusive para datar sua gênese e nominar os agentes dessa história que merecem ser lembrados ou esquecidos. No meu entendimento, uma sociogênese de constituição do subcampo dos estudos socioculturais do movimento humano no Brasil ainda precisa se feita de maneira mais ampla e metódica, sendo este um programa de pesquisa a ser priorizado pelas novas gerações intelectuais que se interessam pelos rumos do desenvolvimento teórico ou, mais amplamente, epistemológico de nosso campo. Muito

tem-se interrogado sobre o passado de diferentes subdisciplinas (História da Educação Física e do Esporte, Sociologia do Esporte, Antropologia do Esporte, Estudos do Lazer, Estudos Culturais, etc.), mas ainda se necessitam de investigações mais acuradas que permitam inventariar com justiça e rigor a sociogênese dos estudos socioculturais do movimento humano no país.

De minha parte tenho suspeitado dos mitos fundacionais e penso que em matéria de campo científico e campo intelectual é importante considerar os contributos do passado, ler os textos em seus tempos e contextos, fazer justiça aos homens e mulheres que antes de nós se inquietaram – dentro de seus limites e a partir das ferramentas de conhecimento disponíveis em suas épocas – com alguns aspectos que poderíamos considerar como socioculturais do movimento humano. Por mais que suas reflexões não tenham sido pautadas pelo rigor do método científico e da argumentação filosófica tal qual entendemos de maneira muito desigual em nossa área na contemporaneidade, o fato é que suas incursões e escritos abrem campo e têm um contributo que não é desprezível.

Dito isso, quero também destacar as contribuições do denominado Movimento Renovador da Educação Física no Brasil. São reflexões importantes que ajudaram a demarcar de forma contundente a atividade sociocultural em Educação Física no país. Partiram inicialmente do referencial teórico marxista via apropriação no campo educacional, mais especificamente na Universidade Estadual de Campinas em diálogo com a pedagogia histórico-crítica de Demerval Saviani (Souza, 2018). Obras como “Educação Física e aprendizagem social” (Bracht, 1992), “Metodologia do ensino da Educação Física” (Soares et al., 1992), “Educação Física no Brasil: a história que não se conta” (Castellani Filho, 1988) e, em especial, “A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’” de Medina (1983), são paradigmáticas desse modo de pensar e propor a atividade sociocultural na área de Educação Física no Brasil. Teceram críticas severas ao esporte e ao paradigma do movimento humano, talvez antes mesmo de dar tempo para se aprofundar nos aspectos filosóficos, antropológicos e sociológicos desses objetos. É verdade que o clímax político no contexto de então fez acentuar essas críticas, mas o fato é que esses objetos, passíveis sim de análises críticas, poderiam ter sido dimensionados de uma forma mais relacional, sem induzir a atividade teórica da área a polarizações e maniqueísmos que dificultam o estabelecimento de um consenso mínimo no – e para o – campo da Educação Física.

Ademais, a sensação que se tem é que a busca por um novo objeto para a área de Educação Física – a cultura corporal – responderia a um desejo político-científico de se firmar uma estrutura de pensamento e, ao mesmo tempo, galgar melhores posições para os defensores dessa forma de pensar no interior do campo acadêmico. Ao que consta, esse objetivo foi cumprido e se materializou institucionalmente na figura do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, entidade que responde

por parte da atividade científica e política da Educação Física no Brasil. De qualquer modo, a história transcende a esse movimento e outras iniciativas paralelas, concorrentes ou amistosas, foram também sendo demarcadas no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 no campo da Educação Física no país.

Críticas relacionais ao movimento humano emergiram, por exemplo, em Kunz (1994) e em Santin (2003). Diz Santin (2003, p. 83) que “o movimento humano não pode ser limitado a um conjunto de articulações e forças. Ele precisa ser compreendido no contexto de todas as dimensões humanas”. Filósofo de formação, Santin ao criticar o objeto da área não se desfez do mesmo, apontando para a necessidade de não reduzi-lo aos aspectos biológicos, mas considerá-lo em todas as suas dimensões, quer dizer, culturais, pedagógicas, afetivas e assim por diante. Curioso é que sua leitura fenomenológica da Educação Física e do Esporte caiu em uma espécie de ostracismo e apagamento no campo, muito em virtude das disputas teóricas e políticas que passaram a se acirrar na área no final dos anos 2000.

Desde onde venho investigando e a partir das inúmeras pesquisas que desenvolvi/orientei sobre os rumos teóricos da investigação sociocultural em Educação Física e Esporte no Brasil, posso afirmar que, a partir dos anos 2000 e ao longo dos anos 2010, houve uma profusão de teorias, olhares e objetos de pesquisa no contexto da atividade sociocultural em nossa área. Inúmeros outros modelos teóricos passaram a rivalizar com interpretações socioculturais da Educação Física e do Esporte até então hegemônicas. Referenciais como os de Michel Foucault, Norbert Elias e Pierre Bourdieu, por exemplo, passaram a fazer parte do regime de leituras e agendas de pesquisa em Educação Física e Esporte no país. Em contrapartida a essa diversificação teórica, foi acontecendo também um efeito de fechamento de grupos e linhas de pesquisa dentro desse subcampo investigativo, talvez como forma de se blindar e proteger seus espaços no contexto de pluralização teórico-metodológica.

Sintomático do que está sendo dito é que pouca comunicação e sintonia teórica parece existir entre os que estudam Educação Física escolar, Sociologia do Esporte, História da Educação Física e do Esporte, Antropologia do corpo, Lazer e assim por diante. A sensação que se tem é que às vezes até nos esquecemos de nossa identidade epistemológica e passamos a realizar investigações nas bordas do campo, muitas vezes quase saindo dele. Em outras palavras, estamos diante de uma “terceirização epistemológica” na medida em que construímos nossos objetos de pesquisa de modo que interessam mais a outras áreas do que propriamente aos problemas da movência dos seres humanos nos diferentes domínios da existência.

Na contramão dessa dinâmica apontada, tenho me esforçado por fazer uso de diferentes

teorias sociológicas e filosóficas em meu ofício, mas realizando o caminho de volta para nossa área como diria Betti (1996). No meu entendimento, a investigação sociocultural em Educação Física e Esporte, seja ela de caráter filosófico, histórico, antropológico, sociológico ou de uma tentativa de combinação de ambos, não pode perder de vista o problema do *homo movens*, quer dizer o de sua necessidade de movência como símbolo de orientação da vida no espaço-tempo conforme defendi em minha Tese de Livre-Docência junto à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Dito de outro modo, seja investigando as dimensões institucionais da Educação Física e do Esporte, seja abordando a constituição dos estilos de vida esportivos, bem como os usos sociais do corpo na atividade motora, no esporte e no lazer, fato é que precisamos não esquecer da identidade epistemológica de nosso campo, daquilo que nos singulariza na hierarquia da ciência e das profissões, daquilo que confere internamente virtude à Educação Física e ao Esporte.

A partir, inclusive, desse olhar relacional é que nossas investigações socioculturais do movimento humano – expressas na realidade brasileira e internacional em domínios como Sociologia do Esporte, Antropologia do Esporte, Filosofia do Esporte, Educação Física escolar, Estudos do Lazer, História da Educação Física, Estudos Culturais, dentre outros – poderão se concatenar mais intimamente às necessidades prementes daqueles que se beneficiam diretamente dos programas de Educação Física e Esporte nos diferentes espaços e contextos. Em outros termos, investigar o *homo movens* na Educação Física e no Esporte, considerando as instituições, as subjetividades, as identidades, os conflitos e consensos, as ideologias e utopias, os avanços e recuos dos processos, em síntese, as ambivalências constitutivas de nossa existência, pode nos proporcionar um olhar mais aberto, amplo, reflexivo e que permita, em alguma medida, encurtar o hiato ainda existente entre teoria e prática, ao menos desde o ponto de vista de parte da atividade investigativa em voga no domínio dos estudos socioculturais em Educação Física no Brasil.

À maneira de fechamento, quero ressaltar a importância de se realizar cada vez mais pesquisas sobre os desenvolvimentos da atividade sociocultural em Educação Física e Esporte no Brasil e no mundo, buscando identificar as continuidades e rupturas, as influências teóricas e, sobretudo, no contexto da modernidade tardia em que vivemos, o (re)dimensionamento do movimentar-se como um problema de alcance global, uma vez que os estilos de vida se universalizaram e os conhecimentos atinentes à área não só circulam de forma ampla por diferentes plataformas, como também informam significativamente a vida das pessoas, seja por processos biográficos (quer dizer, por nós diretamente organizados) ou autobiográficos da movência.

Referências

- Azevedo, F. (1920). *Da educação physica: o que ela é, o que tem sido, o que deveria ser.* São Paulo: Weiszflog Irmãos.
- Betti, M. (1996). Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, dez.
- Bourdieu, P. (2001). *Science de la science et réflexivité.* Paris: Raisons d'agir.
- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência.* São Paulo: Editora da UNESP.
- Bracht, V. (1992). *Educação Física e aprendizagem social.* Porto Alegre: Magister.
- Cagigal, J. M. (1968). La Educación Física, ¿ciéncia? *Citius, Altius, Fortius*, Madrid, n. 10, v. 1-2, p. 5-26, ene./jun.
- Castellani Filho, L. (1988). *Educação Física no Brasil: a história que não se conta.* Campinas: Papirus.
- Gallahue D. L., Ozmun J. C. (2003). *Comprendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos.* São Paulo: Ed. Phorte.
- Gebara, A. (2003). Considerações sobre a história do esporte e do lazer no Brasil. In: *Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa.* João Pessoa: ANPUH, p. 1-6.
- Guedes, C. (1999). Estudos sócio-culturais do movimento humano. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v. 13, n. esp., p. 98-105, dez.
- Kunz, E. (1994). *Transformação didático-pedagógica do esporte.* Ijuí: Unijuí.
- Le Boulch, J. (1971). *Vers une scien du mouvement humain: introduction à la psychocinétique.* Paris: Expansion Scientifique Française.
- Lyra Filho, J. (1973). *Introdução à Sociologia dos Desportos.* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed./Ed. Bloch.
- Medina, J. P. S. (1983). *A Educação Física cuida do corpo... e “mente”.* Campinas: Papirus.
- Melo, V. A. (1997). História da Educação Física e do esporte no Brasil: panorama, perspectivas e propostas. *Revista Eletrônica de História do Brasil*, Juiz de Fora, v. 1, n.1, p. 12-34.
- Ramos, J. J. (1983). *Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias.* São Paulo: IBRASA, 1983.
- Santin, S. (2003). *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade.* Ijuí: Unijuí.
- Soares, C. L. et al. (1992). *Metodologia do ensino de Educação Física.* São Paulo: Cortez.
- Souza, J. (2018). Da força do argumento ou do argumento de força? Notas para repensar a produção teórico-crítica em Educação Física no Brasil. *Revista da ALESDE*, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 108-127, set.

Souza, J. (2021) Do *homo movens* ao *homo academicus*: rumo a uma teoria reflexiva da Educação Física. São Paulo: Liber Ars.

Tani, G. et al. (1988). *Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU.

Tani, G. (1999). Atividade de pesquisa na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo: passado, presente e futuro. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v. 13, n. esp., p. 20-35, dez.